

EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p5-6>

Com este conjunto de ensaios a Revista *Literatura e Sociedade* dá continuidade ao dossiê do número anterior, dedicado a manifestações, em diversas literaturas, do chamado “Romance de Formação” (*Bildungsroman*), gênero historicamente associado ao nome de Goethe e a seu romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795/96). Desta vez, porém, não é Wilhelm Meister que abre a coletânea, mas sim o primeiro grande herói romanesco da literatura ocidental, abordado (assim como seu escudeiro) justamente sob o aspecto da aprendizagem – e, portanto, também da formação – no ensaio “Cervantes: dom Quixote e Sancho Pança – fragmentos de uma aprendizagem deleitosa”.

Na verdade, a aproximação que o presente dossiê estabelece entre essas duas obras exponenciais da Literatura Mundial (contribuições magnas da Espanha e da Alemanha ao romance europeu) nada tem de arbitrário, pois já os primeiros leitores dos *Anos de aprendizado*, como Friedrich Schlegel ou o filósofo Schelling, associaram-no sob diferentes aspectos ao romance de Cervantes. Um dos traços desse parentesco reside na perspectiva narrativa subjacente às duas obras: como o narrador cervantino, também o de Goethe assume onisciência em terceira pessoa e se imiscui frequentemente na história com comentários irônicos que relativizam o rumo pretensamente “teleológico” e bem-sucedido da formação do protagonista. E vale lembrar que também Georg Lukács, do ponto de vista histórico-filosófico de sua *Teoria do romance*, vislumbrou afinidades entre as aventuras que povoam as trajetórias de Wilhelm Meister e Dom Quixote ao caracterizar o romance goethiano de educação (*Erziehungsroman*, termo que trai o apreço do filósofo húngaro pela *Estética* de Hegel) enquanto síntese entre os tipos narrativos “idealismo abstrato” (representado exponencialmente pelo *Quixote*) e “romantismo da desilusão”, cujo posterior paradigma seria *A educação sentimental* de Flaubert, romance igualmente contemplado neste dossiê.

Ao conjunto de ensaios aqui reunidos subjaz novamente, conforme explicitado (e fundamentado) no Editorial do número anterior, uma concepção *lato sensu* de *Bildungsroman*, o que fará desfilar perante o leitor – além do cavaleiro espanhol e seu fiel escudeiro, o próprio Meister, cujo percurso é analisado por Patricia Maas à luz das vivências de Goethe na Itália, assim como Frédéric Moreau e seu amigo Deslauriers – uma vasta gama de personagens provenientes de várias literaturas e associadas de múltiplas maneiras à dimensão da aprendizagem, educação, do aperfeiçoamento humano – da formação, enfim. O leitor verá assim, lado a lado, a vertente

paródica (E. T. A. Hoffmann) e a idealização romântica (Novalis); verá trajetórias marcadas pela desilusão ou mesmo “derrocada” (subtítulo de uma das obras), como no mencionado romance de Flaubert, também em *Extinção*, de Thomas Bernhard, ou ainda no fragmento de *S. Bernardo* discutido a partir de uma experiência da “derrelição” (e, portanto, de uma aprendizagem fracassada); mas o leitor encontrará igualmente histórias em que o herói acaba por alcançar uma reconciliação, por frágil que seja, entre a “poesia do coração” e a “prosa adversa das relações sociais” (Hegel), como o adolescente Arkádi Makárovitch Dolgorúki de Dostoiévski, o pequeno Pip de Dickens (num romance que, para Sandra G. Vasconcelos, pode ser visto como “versão dickensiana das *Ilusões Perdidas*”, de Balzac), ou ainda o menino Ernesto dos *Rios profundos* (J. M. Arguedas), dividido entre o mundo do homem branco de ascendência espanhola e a cultura quéchua.

Desse modo, também a presente seleção de ensaios coloca à prova, de maneira concreta e plástica, a vitalidade de que o tipo narrativo consolidado por Goethe no final do século XVIII (mas preparado e amadurecido por obras anteriores) continua a gozar nas mais diversas literaturas. Tendo irradiado sua influência constitutiva sobre o desenvolvimento do romance ocidental, o *Wilhelm Meister* avulta – como também se pode afirmar do *Dom Quixote* e de algumas outras obras contempladas nos dois dossiês que enfocam o *Bildungsroman* – enquanto extraordinária contribuição à “Literatura Mundial” (*Weltliteratur*), para citar mais uma vez o conceito criado pelo próprio Goethe em seus anos de velhice.

Finalizando a edição, na seção *Ensaio*, três ensaios importantes para os estudos literários atuais. Em “No exílio entre o desejo e o sonho: sobre a “poética utópica” de Moacyr Félix”, que rastreia, com argumentos claros e significativos, a contribuição de quem foi considerado poeta e militante político engajado nas lutas sociais, o artigo alcança o “desamparo” na poética. Em seguida, em “Do ‘sonho americano’ ao ‘sonho europeu’: o romance de emigração *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato”, a professora e escritora Verena Dolle, tomando por base o conceito de ideoscape do antropólogo indiano Arjun Appadurai, faz uma análise do romance de Ruffato, destacando a maneira pela qual os reflexos do colonialismo lusitano, de décadas e de séculos passados, determinam os destinos de imigrantes africanos e brasileiros na Lisboa do século XXI. Por fim, “Entre o oriente e o ocidente: a problemática do duplo no romance *Les Désorientés*, de Amin Maalouf”, em que Sheila Katiane Staudt realiza uma competente análise sobre os rastros do duplo na travessia do narrador-personagem do romance publicado recentemente pelo autor.

Marcus Vinicius Mazzari, organizador deste dossiê.